

UNIVERSIDADE III MOVIMENTO

Greve continua e trava a Unicamp

Muitos alunos estão preocupados e usuários dos serviços de saúde são os mais prejudicados

Gustavo Abdel
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
gustavo.abdel@rac.com.br

A greve dos funcionários da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) completa hoje 78 dias e a paralisação trava o dia a dia de quem estuda e precisa dos serviços oferecidos em diversos setores da universidade. Ontem, os trabalhadores da Unicamp rejeitaram a proposta da reitoria de 21% de abono, sem aumento real, e mantiveram greve. A proposta abrangia os servidores ativos e aposentados, o mesmo oferecido aos professores — que aceitaram e encerraram a paralisação em 31 de julho. Cerca de 2 mil fun-

Abono de 21% foi rejeitado e servidores farão contraproposta

cionários estão parados.

O estudante peruano Mijail Sabrera, de 27 anos, faz pós-graduação em Engenharia Elétrica e está preocupado com o atraso nas aulas. “Ninguém sabe até quando vai essa paralisação. Em agosto era para termos a reposição das aulas, mas agora com certeza o segundo semestre ficará comprometido”, disse. Em alguns institutos, deverão ser repostos 26 dias letivos perdidos no primeiro semestre em razão da greve.

Entre os riscos, há o dos alunos formandos não conseguirem concluir todas as disciplinas do curso, ou estudantes que terão matérias “travadas”, pois há pré-requisito de outras — que podem não ter a nota divulgada. Há ainda casos de grades curriculares que exigem aulas de institutos diferentes e, caso ele esteja em greve, pode afetar mais estudantes.

Já na área da saúde, a enfermeira Simone Cristina Alves, de 47 anos, trabalha no setor E-2 da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital de Clínicas (HC) e relatou que no setor onde trabalha existem seis enfermeiras, em vez de 10 profissionais trabalhando. “Não aderi por que não vejo outro motivo a não ser político. E com a falta das colegas, a gente está trabalhando 36 horas, e não as oito previstas”, reclamou.

Na área da saúde, a população sente os reflexos da greve. “Preciso fazer um tratamento no sangue e tenho sentido na pele a morosidade nos últimos meses, por conta da falta de profissionais”, afirmou a professora Marlene Stepanow, de 48 anos. “Venho de Nova Odessa e na semana passada uma colega deixou de vir fazer um encaminhamento para exames, mas desistiu por que acredita que irá demorar por conta da greve”. O movimento, segundo ela, é justo, desde que não afete a população.

Posição semelhante é apontada pelo ajudante Edmilson da Silva, de 42 anos. Ele levou a filha de 11 anos ontem para um tratamento na perna e ficou das 8h30 às 11h para ser atendido. “Está tudo mais demorado. Antes da greve estava bem melhor o atendimento.”

A greve também atingiu as quatro unidades dos Restaura-

“Preciso fazer um tratamento no sangue e tenho sentido na pele a morosidade nos últimos meses.”

MARLENE STEPANOW

Professora e paciente do HC



Janaina Ribeiro/Especial para a AAN

O peruano Mijail Sabrera, da pós-graduação em Engenharia Elétrica, está preocupado e acha que o segundo semestre está comprometido



Cedoc/RAC

Pacientes estão esperando mais tempo para conseguir atendimento médico no hospital da universidade

Votação pela manutenção foi apertada

Os funcionários da Unicamp decidiram ontem manter a greve, após decisão tomada em assembleia que reuniu mais de 800 pessoas. Em votação apertada, foram 648 trabalhadores que escolheram apresentar uma contraproposta contra 450 servidores, que preferiam aceitar a oferta do reitor e encerrar a paralisação.

A oferta era o pagamento de um abono, em parcela única, para repor as perdas da inflação. Entretanto, além da correção monetária, a categoria reivindica um aumento real de 3% que incida no salário.

O Sindicato dos Trabalhadores (STU) informou que na contraproposta que será apresentada entre sexta e segunda-feira da próxima semana ao reitor José Tadeu Jorge, eles pedem além do abono de 21%, mais três itens: que a universidade estenda o benefício da isonomia entre salários da Unicamp e USP para três níveis de trabalhadores, que a reitoria passe a pagar vale-refeição de R\$ 29 por dia trabalhado, e que o reitor se posicione formalmente sobre ser favorável ao reajuste dos salários.

A reunião de ontem foi uma continuidade de quinta-feira, quando foi suspensa no começo da noite devido ao adiamento da hora e da complexidade da discussão.

Uma próxima assembleia está marcada para sexta-feira (15) e, na véspera da reunião, os sindicatos dos funcionários da USP, Unesp e Unicamp farão uma manifestação unificada na Capital, em frente ao Palácio dos Bandeirantes, sede do governo estadual.

Os funcionários decidiram entrar em greve em 23 de maio, após decisão do Cruesp que congela os salários. A entidade defende que a discussão da data-base dos profissionais seja prorrogada para setembro e outubro, por causa do comprometimento do orçamento das universidades paulistas com as folhas de pagamentos: 104,2% na USP, 96,5% na Unicamp e 94,4% na Unesp. (GA/AAN)

após a normalização das atividades.

Durante reunião do Conselho Universitário esta semana, foi aprovada a redução da jornada de trabalho dos funcionários do Hospital de Clínicas de 40 horas semanais para 30 horas semanais, que é uma das reivindicações da pauta de greve. Em nota, a Unicamp informou ainda que as atividades funcionam normalmente em 85% das 22 unidades de ensino e pesquisa.

12 mil

Refeições oferecidas diariamente na universidade deixam de ser fornecidas

tes Universitários (RU) da Instituição — conhecidos como bandeirão, os refeitórios do Hospital de Clínicas (HC), da Administração e o da Saturnino estão com os serviços prejudicados. Foram interrompidas aproximadamente 12 mil refeições diárias, ao custo de R\$ 2 cada uma. Em nota, a universidade já havia informado que os atendimentos na área da saúde e restaurantes seguem dentro da normalidade.

Propostas

A Reitoria propôs a concessão de um abono de 21% aplicados sobre os salários de julho de 2014, abrangendo docentes e servidores técnico-administrativos, ativos e aposentados, a serem creditados sete dias após a normalização das atividades na Universidade. Foi também confirmada, dentro da política de isonomia dos benefícios entre as três universidades estaduais paulistas, o reajuste do vale-alimentação de R\$ 600 para R\$ 850, o que equivale a aumento de 41,6%, atingindo o mesmo valor da Unicamp, a ser implementado no primeiro dia útil

NA INTERNET

Vídeo

www.correio.com.br

